

SEÇÃO 4

Práticas Espaciais de Ensino de Tradição e Narrativas Orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina¹

Prácticas Espaciales de Enseñanza de Tradición y Narrativas Orales del Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina

Spatial Practices of Teaching Tradition and Oral Narratives of the Umbanda Terreiro Casa de Mãe Herondina

por Mãe Jucilene Carvalho (D'oiá)²

Resumo: Este texto apresenta a experiência da Casa de Mãe Herondina como território de aprendizagem e transmissão de saberes na Umbanda. A partir de narrativa oral (entrevista realizada em 02 dez. 2019, Icoaraci, com registros adicionais em mar. 2022, Festa Cabocla Mariana, Cotijuba/Praia Funda), evidenciam-se práticas de ensino baseadas na incorporação, no manejo ritual das folhas, na cura e na partilha comunitária. A cosmovisão afro-indígena articula ancestralidade, natureza e ética do cuidado, problematizando impactos ambientais (rios, praias, indústrias) e o racismo religioso. O terreiro emerge como “quilombo urbano” de resistência, onde mulheres lideram processos formativos, políticos e espirituais que integram corpo, território e memória coletiva.

Palavras Chave: Umbanda. Cosmovisão. Educação Ambiental. Oralidade. Território.

Resumen: El texto aborda la Casa de Mãe Herondina como territorio pedagógico de la Umbanda, donde la formación ocurre por medio de la oralidad, la incorporación, el uso ritual de hojas, la cura y la vida comunitaria. Con base en narrativa oral (entrevista del 02 dic. 2019, Icoaraci, y registros de mar. 2022 en la Fiesta Cabocla Mariana, Cotijuba/Playa Funda), se evidencia una cosmovisión afro-indígena que vincula ancestralidad, naturaleza y ética del cuidado, denunciando impactos ambientales y racismo religioso. El terreiro aparece como “quilombo urbano” y espacio de resistencia femenina, articulando cuerpo, territorio y memoria para sostener procesos espirituales, políticos y educativos.

Palabras Claves: Umbanda. Cosmovisión. Educación Ambiental. Oralidad. Territorio.

Abstract: This article presents Casa de Mãe Herondina as a pedagogical territory in Umbanda, where learning unfolds through oral narrative, spirit incorporation, ritual leaf knowledge, healing, and community sharing. Grounded in oral testimony (interview on 2 Dec. 2019, Icoaraci, with additional records from Mar. 2022 during the Cabocla Mariana Festival, Cotijuba/Praia Funda), it foregrounds an Afro-Indigenous worldview linking ancestry, nature, and an ethics of care, while denouncing environmental harm and religious racism. The terreiro is framed as an urban quilombo and a women-led space of resistance, integrating body, territory, and collective memory to sustain spiritual, political, and educational processes.

Keywords: Umbanda. Worldview. Environmental Education. Orality. Territory.

¹ Transcrição: Gabriel da Costa Araújo

² Mãe de Santo de Umbanda por mais de 10 anos e também futura Yalorixá da linha do candomblé Ketu.

Mãe Jucilene Carvalho (D'oiá) – Yalorixá do Terreiro Casa de Mãe Herondina; liderança comunitária em Icoaraci/Cotijuba (PA). E-mail: cartografandosaberesxxi@gmail.com

INTRODUÇÃO

Apresentação de Mãe Juci

Bom dia. Boa tarde. Boa noite. Axé, Saravá!

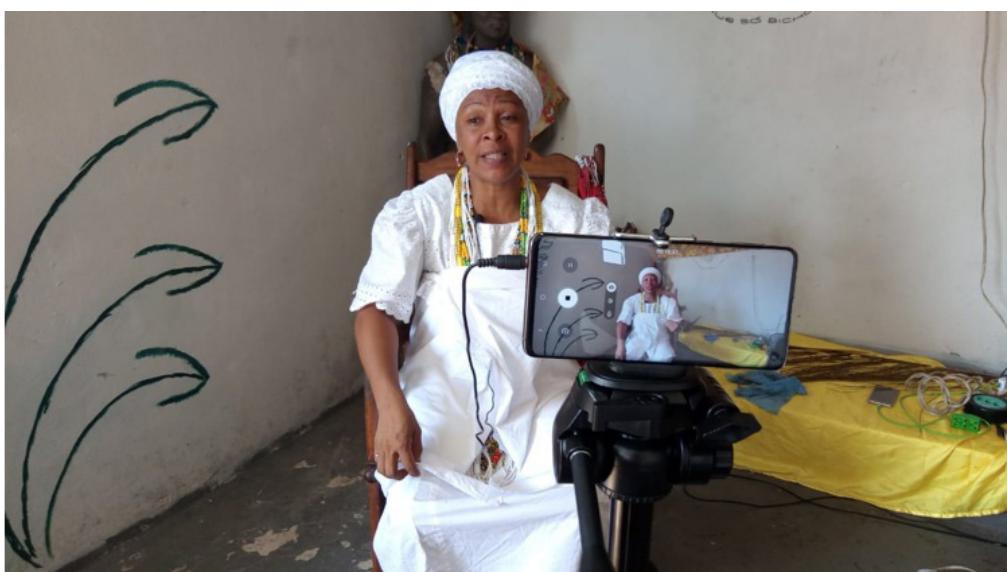
Me chamo Jucilene Carvalho, sou sacerdotisa de Umbanda do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina. Nossa terreiro tem 14 anos, vai pra 15 anos de fundação, e nós somos um terreiro da periferia. Os terreiros pra nós são quilombos, quilombos urbanos! A gente trabalha muito a questão da ligação com os nossos ancestrais, na visão de que esse espaço é um espaço ancestral e que nós nos aquilombamos nele, aquilombamos a nossa trajetória de vida. Eu, como sacerdotisa de Umbanda, assim como a maioria de nós de Umbanda que tem a trajetória quase que parecida.

Eu incorporo desde os sete anos, já trago isso comigo desde quando eu nasci. Eu lembro bem que com sete anos eu incorporei e foi muito difícil esse primeiro momento, por eu não ter entendimento e por eu ser de uma família católica apostólica romana. Minha era mãe muito católica! Todos nós sempre fomos muito católicos e, quando eu incorporava, a minha mãe me fechava no quarto. Tinha um quarto que eu ficava trancada enquanto estava incorporada, porque não tinha o entendimento de cuidar e de tratar daquelas energias. Eu aprendi com meu avô, meu avô paterno. Não conheci minha avó, mas sei que minha vó era benzedeira.

1. Relato da Infância e Aprendizado com o Avô Benzedor

O meu avô paterno também benzia. O nome dele é Seu Antônio Delfino, ele não está mais entre nós. Desde pequena, ele me ensinou a benzer criança. Eu só benzia a criança! A energia é muito forte na hora da benzer, ele me ensinou a folha de benzer e me ensinou montar mesa de benção. Ainda criança, comecei praticar a história do benzimento e com o meu avô aprendi a fazer alguns unguentos de cura pra dor.

Foto 01 - Mãe Juci em entrevista



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d'Olá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

Então, embora estando na igreja, eu sempre tive muito essa ligação e sempre gostei muito desse envolvimento; eu só não gostava de incorporar, quando eu incorporava... aí já não era bom pra mim. Porque na sociedade em que nós vivemos – até hoje isso é muito forte ainda – era demoníaco você receber uma energia, uma entidade. Era o demônio. Por isso, eu cresci com medo de incorporar. Eu cresci com vergonha dos meus amigos e minhas colegas de escola verem que eu passava por aquele processo. Isso era muito difícil pra mim. Então, eu chegava a ter vergonha. Quando eu fui crescendo, passei a ter raiva. Até certo ponto da minha vida eu tive raiva de incorporar, muita raiva!

Foto 2 - Mulheres/filhas de santo sentadas ouvindo



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d'Oiá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

2. A Enfermidade e o Encontro com a Umbanda

Chegou um tempo e eu fiquei muito doente. E aí começa a história da minha trajetória de mudança de vida. Eu fiquei muito doente, tive um derrame. O padre, que era o pároco da paróquia que eu desenvolvia meus trabalhos sociais, veio na minha casa e não deu jeito. Eu já tinha ido pra todos os hospitais e não deu jeito. Outro dia estava até contando que eu bati com a cabeça no vidro do Hospital Abelardo Santos, porque a dor de cabeça não passava e eu não acreditava em mais nada, era muito forte e nada me curava. Nada do hospital me curava!

Foto 3 - Coletivo em roda com pratos e panelas



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d’Oiá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

Uma vizinha minha, daqui mesmo dessa área – eu moro aqui na Sete de Setembro há mais de 20 –, me chamou pra ir no terreiro que ela ia. A minha vizinha mora até hoje ao meu lado e ela já morava há bastante tempo lá. Eu não falava com ela, porque ela era macumbeira e eu era católica. Eu não falava com macumbeiro de jeito nenhum, porque macumbeiro pra mim eram aquelas pessoas que destruíam os casamentos, que faziam feitiço, que tiravam a sua saúde, o seu sossego, assim como pra maioria da sociedade, o que é mentira. Hoje eu tenho uma visão diferente, pelo aprendizado que eu tenho. Então, esta vizinha me chamou pra ir no terreiro dela, porque ela estava preocupada com o sofrimento que eu vinha tendo durante muito tempo da minha vida. E aí eu fui para o terreiro da minha mãe, Luciana.

Luciana Negrão de Paula é minha mãe de santo de Umbanda e quando eu cheguei lá ela me atendeu, depois de muito tempo, porque terreiro também demora um tempo até a mãe de santo entender que energia é aquela para o que ela vai fazer com a pessoa. Tudo é um tempo, não dá para chegar e já resolver. Você não marca uma consulta e chega lá. Até quando a gente vai para o médico, como diz o caboclo, pro “capelo branco”, a gente tem que marcar consulta e mesmo assim a gente espera. Quanto mais no terreiro, né?! E aí, menina, para acabar com a história, a Dona Herondina me apanhou, me batizou.

Eu já saí de lá batizada com uma missão de arrumar minha roupa de ração pra voltar pra tomar uns sete banhos que a gente toma. Os sete banhos que são pra abrir as sete linhas. Na Umbanda, a gente toma os banhos de abrir a cabeça pra mediunidade fluir, pra poder organizar essas

incorporações. E assim foi. Eu me vi já, dois dias depois, voltando para aquele terreiro. Só frisando que eu estava com dor e quando eu fui sair de lá, já estava sem dor depois dessa incorporação; aí já saí batizada na Umbanda, com a missão de voltar, me preparar, porque eu tinha que ser uma mãe de santo que já era determinado pela minha cabocla Dona Herondina. Ela é a dona dos meus passos e da minha vida, é quem me determina, quem cuida desse chão, quem cuida do meu coração e essa senhora dos punhais que a gente chama de Dona Onça aqui mais intimamente. E, então, eu comecei a ser preparada por essa mãe de santo para poder ser uma mãe de santo também. Como ela dizia: “você não pode ficar na minha casa, porque duas rainhas não reinam num reino só. Você tem que ir pra sua casa, você tem que ter as suas coisas assentadas.”. E assim essa senhora fez, assentou tudo que ela podia pra mim, assentou a minha cabocla, fez uma festa, eu me recolhi e fui para o Maranhão, fez tudo como manda o figurino, né? E daí em diante eu comecei ficar na minha casa, porque se era aquela determinação, eu tinha que aprender.

3. Casa Mãe Herondina: território, cosmovisão e educação ambiental

Foto 4 - Coletivo em roda com pratos e panelas. Foto do grupo dentro do espaço do terreiro, sentados no chão ou em roda



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d'Oiá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

A minha mãe disse: “olha, você tem que ter um terreiro.”. Aí já era uma outra luta, né? Como é que você era mãe de santo? Agora tinha que ter um terreiro. Aqui sempre foi a casa, minha casa de morar. Como, na época, o pai dos meus filhos, os meus filhos e eu ia especificamente ficar aqui onde é o espaço do terreiro? Aqui era o meu quarto. Um certo dia, já tinha me separado, eu estava deitada e vi quando entrou um vulto – que a gente chama na Umbanda de vulto – e eu senti quando entrou aquele vulto de uma senhora e ficou em certo lugar do espaço. Na mesma hora, eu descobri que aquele espaço seria o espaço do terreiro! Porque dava pra rua, dava pra abrir a porta. Eu fui com a minha mãe de santo e disse: “olha, já sei onde que a dona Herondina vai querer que faça as coisas dela.”. E assim ela veio. Fez. Assentou. Colocou pedra e pá de novo e foi acontecendo.

Quando eu abri os olhos, com o tempo, eu já tinha alguns filhos de santo. Vinham pessoas cuidar da saúde e ficavam para ser filhos de santo. E eu chorava: “Meu Deus, como é que eu vou

cuidar dessas pessoas?”. Aí foi criando, crescendo, crescendo... e eu fui cuidando com a força, com os ensinamentos da minha mãe: “não, minha filha, é assim e assado...”. Coisas que, mesmo eu não estando na casa dela, até hoje eu levo. Ela é a mãe que eu tive de umbanda e ela vai ser sempre. Eu levo até hoje os ensinamentos que ela me deu e os ensinamentos que meu avô deixou pra mim! Além disso, nós temos também as intuições dos nossos caboclos, eles sabem muita coisa, as energias que nós carregamos, elas sabem coisas que a gente nunca imagina. E nunca imaginei. Tem certos ensinamentos que a dona Mariana dá, uma cabocla que trabalha muito aqui em casa, que eu nunca imaginaria aquilo. Eu aprendi, ao decorrer do tempo, que esses ensinamentos estão dentro de nós, eles são saberes dos nossos ancestrais. Eu aprendi que a Dona Mariana, que eu receba Dona Herondina, que eu recebo a Dona Jarina, seu Zé Raimundo, seu Zé Pelintra e Dona Cigana são as nossas energias ancestrais; que estão dentro de nós. Por isso que a gente fala assim: “eu já nasci com isso!”. Quando a gente é de umbanda, a gente diz: “eu nasci com isso, eu não sei.”. Minha mãe me disse que eu incorporei com tantos anos, porque realmente eles nasceram conosco, nós nascemos com eles e é uma troca de energia muito importante para nós e os saberes guardados dentro de nós. São eles que trazem os nossos ancestrais.

A preocupação com o meio ambiente. Dona Mariana, por exemplo, é uma cabocla que se preocupa muito com a destruição atual do meio ambiente. Sabe, ela fala muito pra nós. A questão da Amazônia como que se dá, como que se dá a saída dos caboclos daquela região de queimadas? Como que se dá a saída dos caboclos do Rio? Por exemplo, eu estava agora há pouco no rio Xingu e o rio está quente, fervendo. E os guias explicam para nós que essa transformação que o homem está fazendo no ambiente reflete na energia deles. Por exemplo, o seu Zé Raimundo, quando chega aqui no nosso terreiro, ele vinha pelo rio Piraíbas, que é um braço do rio Maguari, que passa aqui atrás de nós. E aí ele conta que ele vem pelo rio, pega a canoinha dele e chega aqui através do riozinho que tinha no braço do rio que ainda existia e hoje não existe mais. Quem destruiu o rio foram os caboclos? Foram os guias? Não! foram os seres humanos que moram em volta, que destroem, que queimam, que matam, o sistema político que não trata o esgoto. Então, isso tudo, podem pensar que não, reflete em nós. As indústrias, assim como Belo Monte – aqui nós temos uma indústria no nosso bairro de Maracacuera que são as indústrias de curtume –, são empresas que trabalham com curtume e que jogam os seus dejetos no rio. Por isso que matou-se o rio Piraíbas. Assim como a população que mora à volta. Mas também as indústrias que vieram para cá, que há 20 anos não estavam aqui.

Quando nós chegamos para esse terreiro, para essa comunidade, essas empresas ainda não estavam aqui. Esses devoradores, como a gente, chama da natureza ainda não estavam aqui. Então, isso tudo reflete na nossa energia ancestral. Porque o seu sete Flecha fala: “se não tem árvore, como tem caboclo da mata? Por onde? Qual a folha que eles vão vir? Se o homem tirou todas as árvores, onde eu vou pegar a folha que cura?”. Então, vai cada vez mais a sociedade nos jogando à margem mesmo, para fora do centro da cidade. Nós, a maioria em Belém, somos terreiros de periferia. Nós estamos fora do miolo da cidade, porque nós precisamos da natureza, do rio, da água, da praia. E aí você vê que a praia de Icoaraci não presta. A praia mais próxima para dar um banho no filho é lá em Outeiro e hoje nós estamos pretendendo tirar o nosso terreiro daqui. Não por nós, mas pelos guias, porque eles não sentem mais a mesma energia que tinha aqui. Então nós precisamos levar, tirar a nossa. A gente não pode ficar fazendo isso, pegar nosso axé, arrancar. É como se arrancasse o nosso coração. Mas a sociedade, a cultura social, nos joga para fora do espaço sagrado que é o nosso. Justamente por isso, por não ter mais esses recursos naturais.



Falando da questão de ser militante no Estado do Pará, como todo mundo sabe, é muito difícil para nós de terreiro, nós, pessoas de axé, povos tradicionais, de matrizes africanas, povo de umbanda. Para nós é difícil ser militante, sabe? Eu ando assim, como todo mundo me conhece, vestida de branco. Hoje eu sou a mulher de branco, eu sou o de branco. Mas é difícil você entrar num ônibus e alguém não sentar do seu lado. O último espaço que vai ser ocupado é o ao lado de uma pessoa que está vestido de axé. Todo mundo senta no lado de todo mundo, mas o nosso lado vai ser o último, porque as pessoas têm medo de nós, têm receio de algo mau, são racistas religiosos mesmo, preconceituosos. Eu nem chamo que é preconceito. É racismo religioso mesmo. Mas quando o filho chega na minha casa eu falo para os meus filhos: “olha, nós somos um terreiro que vai pra rua!”. Sabe, nós somos militantes, nós não somos só um terreiro de bater tambor aqui dentro desse espaço, não. Porque seria muito cômodo pra nós só chegar aqui, tomar um banho e vir bater tambor. Dar nosso caboclo, embora disfarçado. Não. Os meus filhos andam com suas contas. Os meus filhos andam de cabeça coberta quando estão de preceito. Nós já fomos bater tambor na Praça da República e, se precisar, nós iremos novamente. Nós vamos fazer o nosso axé na encruzilhada, onde for necessário.

O Espaço da natureza a gente vai, porque é o espaço que é nosso, é onde estão as nossas energias. Elas não estão só dentro do terreiro, elas estão no espaço do tempo. E, se for necessário que a gente vá pra Praça da República, que é o cemitério dos nossos ancestrais, tocar o nosso tambor e fazer a nossa gira, nós vamos, sim! Porque nós precisamos mostrar para a sociedade que nós somos um povo de paz. Há um hino da Umbanda: “A Umbanda é paz e amor, é um mundo cheio de luz e força em nossas vidas e a grandeza nos conduz.”. Nós somos um povo de paz. Nós somos de Oxalá! Quando a gente pede para Oxalá cobrir com seu Alá os nossos corpos, é justamente para nós podermos enfrentar esse mundo aí fora que é devorador de nós, devorador da nossa essência. E eu falo para todo mundo que quem nos ataca não sabe quem nós somos, porque nenhum momento da história você viu um povo da Umbanda ou do candomblé sair pra ir atacar outro povo. Nós não vamos na porta da igreja católica apedrejar, nós não vamos na porta de igreja evangélica apedrejar. Eu, por exemplo, que eu ensino isso para os meus filhos, para o nosso povo, que se a gente passar na porta da igreja evangélica e eles oferecerem um papelzinho daqueles, a gente diz: “não, obrigado!” e vai embora. Nós não vamos debater com eles. Cada um tem sua fé e cada um tem que ter esse direito de exercer a sua fé.

O que nós podemos dizer para as pessoas quando a gente fala assim: “Um mundo cheio de luz e força em nossa vida e a grandeza nos conduz, porque nós somos grandes.”? Quer dizer que nós lutamos para ser grandes e grandiosos na energia. Eu falo que nós somos pessoas melhores. Quando eu digo para os meus filhos: “não se misturem com qualquer um!” quer dizer que a gente não se mistura com qualquer pessoa realmente, porque nós somos melhores, nós temos o entendimento do que é a natureza para nós, nós cultuamos a natureza e nós temos esse entendimento. Então, nós não vamos nos misturar com alguém que agride outro, nós não vamos nos misturar com alguém que queima floresta, com alguém que devasta, com alguém que sai matando, atirando, nós não vamos porque nós somos grandiosos, nós somos melhores em todos os sentidos, que é isso que nós procuramos para a nossa vida: nos melhorar, para dar o melhor de nós. Eu digo também que, quando você chega a mim e pede uma palavra, uma ajuda, uma cura, nós temos que estar preparado dentro do nosso coração para dizer a melhor palavra, para dar o melhor de nós para aquelas pessoas que nos procuram, que essa é a nossa maior função: ser

melhor para dar o melhor de nós para o outro. E não é caridade cristã ou alguma coisa assim. É caridade de energia natural mesmo.

4. Aprendizagem Oral e Transmissão dos Saberes

O processo de aprendizagem, como tudo na vida e todas as aprendizagens, é doloroso. O processo iniciático na Umbanda não é uma doçura, eu não vou mentir, não é? Primeiro porque você está se conhecendo, está conhecendo o seu corpo e está conhecendo aquela energia que você carrega. O desenvolvimento dói, principalmente quando você é um médium de incorporação, que sente e que ainda vê, que sabe que vai incorporar. Assusta. Às vezes dói, mas é uma dor de amor, sabe? De emoção. De estar conhecendo aquilo. De estar se doando. É aprender mesmo. É sentar no chão e aprender ouvindo a nossa tradição. Por ser oral, nós precisamos estar no terreiro para aprender, senão não se aprende. Eu fiquei muito próximo à minha mãe por muito tempo de aprendizado, porque só pode aprender a lidar com as energias quem está lá. Você vai lidar com uma folha, vai aprender fazer um banho? Você precisa estar lá para pegar aquela folha, para macerar, para fazer um banho. Não dá para a minha mãe me ligar: “Olha, minha filha, se você pega a folha, você faz assim assim assim”, porque não é a mesma coisa de eu ver a minha mãe pegar a folha, macerar, separar folha por folha. Porque cada cabeça é uma energia. Cada cabeça é uma folha. Não adianta você pegar todas as folhas, jogar numa panela ou macerar, pilar e dizer que aquilo é um banho, porque é uma ciência, o aprendizado do sentir.

Foto 5 - Partilha - Mãe de santo/ terreiro e sociedade civil.



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d’Oيá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

Eu sei que o meu filho vai chegar, porque eu senti o Exu dele chegar na frente dele. Ou então alguém vai chegar. Já tem o Exu está farejando ou o caboclo passou e a gente já vai sentindo. Isso é sentir, perceber. Mas, para isso, nós precisamos estar integrados com o axé, estar dentro do terreiro. E uma das coisas que eu falo sobre aprendizagem é essa, aqui é o nosso chão de aprender. O que a minha mãe de santo falou e ensinou, eu tento passar para os meus filhos da forma mais simples possível,



para que se entenda. Eu brigo muito com a internet, brigo com os meus filhos por conta de internet, porque eu acho que os aprendizados reais não estão lá. Os aprendizados reais estão no terreiro, é por isso que tem mãe de santo e pai de santo. Os processos de aprendizagem no terreiro é assim: hoje, se você entrar, você vai tomado seus banhos. Você fica mais nessa parte reservada aqui pra fora pra todo mundo que chega, que é a parte mais comum do terreiro. Aí, com tempo, meus filhos já vão tirar uma folha, já é o que eu já vou passando pra eles. Você já vai lidar com a folha, você já vai lidar com banho, o outro já vai cozinhar o milho, já vai lidar com uma outra coisa, com uma outra energia. Então cada um vai tendo a sua determinação e não é inventado. Olha, eu vou inventar que tu vais mexer a panela... Não! a energia daquela pessoa que vai se mostrando para esse aprendizado. E tudo é com o tempo. Não adianta você chegar falando... não venha com seu caderno pra cá me fazer 1 milhão de perguntas, porque eu só vou responder na conformidade. Que você tenha entendimento pra isso.

Meu BabalOrixá, pra quem não sabe, eu também sou de candomblé, sou iniciada, Yawo, e dá o meu axé, eu ficarei. Meu babalOrixá diz nada é com pressa: “Se eu for lhe dar esse ensinamento agora, você vai se atrapalhar”. Então tudo é o seu momento. Ontem, eu disse pra minha filha: “vou dar meia folha, porque você não está preparada para receber uma folha inteira”. Tudo é esse processo de entender, de sentir, de troca. Se aprende ouvindo e sentindo. Para sentir, você não sente de longe, você sente o arrepião, você sente a energia, você estando nesse espaço. Nós estávamos fazendo a festa de hoje, a festa de Exu em casa, e só se sente a energia do Exu quem está aqui, da Lebara quem está aqui. Já o filho de santo que está lá no meio da feira fazendo as coisas dele ou no trabalho dele, não sente. Não tem necessariamente sentimento por isso que está acontecendo aqui. Não vai sentir esse arrepião, esse aperto no coração, a batida, o cheiro da defumação, o cheiro das coisas que estão se acontecendo no terreiro vai sentir quem está aqui.

5. Sobre Exus e Lebara

Quando a gente fala de sete linhas... eu quero começar falando por uma linha específica de Exu. Hoje nós estamos alimentando as nossas Lebara, as Lebara dos meus filhos que estão assentado Exu. Então, todo mundo banaliza e vandaliza as Lebara e os Exus. Para nós, na nossa linha de Umbanda e na nossa casa, as Lebara e os Exus são energias tão sagradas quanto qualquer outra energia. As nossas Lebara são desenvolvidas na nossa casa para trabalhar para o amor e para a família. Então, elas são as responsáveis de cuidar da família que chega precisando de ajuda, da mãe que está com filho com problema. As energias dos Exus são preparadas na nossa casa para isso: para devolver o amor que foi perdido. O desenlace. Essa ligação muito grande com o amor, com a família, que eu falo de axé, com a família, pai, mãe, irmãos, as Lebara nossas, os nossos exus. Seu Zé Pelintra trabalha muito aqui em casa. Hoje, trabalha na cabeça do meu filho Max, mas trabalha muito nessa questão do buscar se encontrar. Eu não acredito numa energia que seja... As pessoas falam a Lebara pega a mulher e leva para a rua, ela não nos leva para rua. Elas são senhoras, moças, jovens, que são dedicadas ao amor por tudo o que elas sofreram, por tudo o que elas foram banalizadas, foram jogadas ao vento, foram estupradas ao longo do tempo, foram enganadas. Então são energias que hoje vêm na Terra para ajudar as pessoas, para que não aconteçam com essas pessoas o que aconteceu com elas. É uma troca de energias. Assim como elas vão se melhorando nas energias delas, elas vão passando esses ensinamentos de amor próprio e ao próximo também.

Na outra ponta, nós temos os pretos velhos. Quem são os pretos velhos? São os nossos ancestrais, como a gente fala, lá do fundo, sabe? São os mais antigos sabedores que trazem essa

experiência de cura de uma outra forma. É um nagô que vai colocar na cuia no coité. É ali que ele vai curar da forma dele, do cachimbo dele, da fumaça do tauari. É dali que ele tira a cura para aqueles corações, para as pessoas que chegam no terreiro, para os próprios filhos de santo. Porque se cura o coração, cura a cabeça, cura a alma. Então os pretos velhos, na linha de Umbanda, são a linha de Oxalá, que é a linha mais doce e pura: que é a devolução do amor de tudo o que eles têm para nós. Então, eles trabalham muito na linha de cura. E essa questão do amor, o ensinamento, por serem mais velhos, aconselham e dizem para nós qual a melhor direção a gente tem para seguir, para alcançar o objetivo que nós viemos buscar nesse terreiro. Eu digo que todas as vezes que a gente vem para o terreiro, a gente vem com o objetivo de voltar daqui. Esse deve ser o nosso maior objetivo: voltar melhor do que a gente veio e levar daqui aquilo que a gente veio buscar, que deve ser o melhor também.

6. Festa de Erês

Nesse entremeio, nós temos quem? Os erês. Os erês que a gente cultua com doce, com mingau, com balas, com amor. Aqui na nossa casa, a gente tem muitas crianças e a gente faz uma festa pra erê muito grande também, que é onde a gente abre a porta para a comunidade participar. As crianças da comunidade, as mães, os pais, todos aqueles que querem participar... o banquete maior que tem na nossa casa é na festa de Erê, porque é onde nós vamos distribuir o nosso doce, o doce do nosso coração para a comunidade que nos cerca, que nos protege de uma forma ou de outra. Porque é aqui que nós estamos e para cá que as pessoas vêm. É uma forma de devolver para a comunidade todo o amor, toda a doçura que a gente recebe durante o ano das crianças. Alguns pais e até filhos de santo falam: “eu não vou trazer meu filho, porque ele ainda é muito pequeno pra entender.”. Eu sou contra esse pensamento, porque quando você é cristão, católico ou evangélico, você pega seus filhos e leva para batizar. Quando você vai para a igreja, você leva seu filho para acompanhar na missa de domingo. Ora, então, se você acredita nas suas energias, por que você não traz seus filhos para o terreiro?

Foto 6 - Crianças, soberania alimentar e compartilhamento - O chão do terreiro.



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d'Oiá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.

O terreiro é um espaço pra criança, sabe? Elas trocam a energia, elas conversam, elas aprendem. Nós aprendemos muito com elas, porque a gente pensa que criança não sabe nada. Erê, Espírito, Erê, Joãozinho, Mariazinha, Cosme, Damião, Doum curam com a sua cuia, com o seu bombom, com o seu pirulito, que às vezes você não quer aquele pirulito que ele passou no pé, que ele já lambeu, aquela Coca-Cola... aquele refrigerante que ele botou na boca e devolveu pra ele lhe dar: “Tome, tiazinha. Você não quer que tá com nojo?”. E ali ele está fazendo uma cura em você, naquilo que você mais deseja, naquilo que você mais quer. Então, se os erês encantados estão no nosso espaço, eu sempre peço para que os pais tragam seus filhos também, tanto que vocês vêm o tanto de crianças que tem aqui. Tragam seus filhos para eles irem trocando essa energia e observando também o que se passa, como se passa, para não terem medo mais adiante, sabe? Para não jogarem fora. Eu ouço muito dos meus filhos. Eu já fui no terreiro quando eu era criança, mas aí foi crescendo. A mãe não levou mais, o pai não levou. Aí se quebrou um elo. E eu falo para os meus filhos também uma coisa: “Não queira que os seus filhos sofram o que você sofreu. Não queiram que essas crianças sofram o que eu sofri por essa questão do desenvolvimento!”.

Eu tenho um filho, o meu filho de sangue, que é o meu filho caçula. Ele é meu braço direito dentro do terreiro; desde criança ele participa comigo. Então, por esse entendimento de que eu ia para a igreja, eu levava ele. Quando eu passei para o terreiro, ele veio comigo. Eu fui fazer meu santo, ele foi comigo. E foi uma coisa que ele disse: “Mãe, eu quero passar por esse momento com a senhora.”. Então ele é meu filho, é meu irmão, meu “Dofonotinho” de barco no candomblé e aqui ele trabalha também com a gente, ajuda, faz tudo o que tem que fazer.

7. A Linha dos Caboclos

Nós temos um amor muito grande pelos nossos encantados e pelos ensinamentos deles. Os encantados que mais vem na casa são: Dona Mariana, Seu Zé Raimundo, a Dona Herondina, que é a dona, quando ela vem vira uma festa, porque todo mundo consegue sentir essa energia maravilhosa que eles têm. Eles trabalham na linha Pena e Maracá, na linha de cura mesmo.

Foto 7 - Festividade cabocla Mariana.



Fonte: Festividade cabocla Mariana. Março/2022. Publicação Autorizada à Alanna Souto Cardoso Tupinambá.

Dona Mariana é uma curandeira, quando ela canta que ela é arara, arara ela é arara e explica pra nós, porque não tem uma explicação assim. A Mariana é muita coisa. Ela é a mulher que tem uma das energias que passeia por várias linhas da Umbanda. Quando ela fala que ela é arara, ela é arara, porque ela foi, pra quem não sabe, pra tribo dos Araras pra aprender a ser curandeira, porque todo mundo sabe que ela é turca, né? Ela é uma energia que veio da Turquia. Mas, quando ela canta Arara, muita gente não sabe o porquê ela foi se a ajuremar um pouquinho com o povo da tribo dos Araras pra aprender fazer. A pena e maracá, porque na Turquia não tinha pena e maracá. Então ela foi aprender para poder trazer isso pra gente. Isso aí é uma das partes que ela ensina pra nós aqui na nossa cabeça. Aqui em casa ela ensina pra nós dessa forma e por isso esse cuidado muito grande com os indígenas que ela tem, porque ela diz que é a fonte aonde ela vai, onde ela vai aprender, onde ela vai buscar os saberes da floresta, é com eles. Então ela tem essa volta muito próxima à Jurema, porque a Jurema que mostrou a ela a dona Jussara, que mostrou a ela os caminhos de chegar com os indígenas pra aprender essa questão da cura mesmo, da pena e maracá. Elas trabalham muito nessa linha de cura. A Dona Jurema e Dona Juçara, dentre outras linhas de encantados que tem na Umbanda, são as energias que mais trabalham na casa com essa linhagem. Essas são algumas que estão mais próximas de nós.

Foto 08 - “São Três Irmãs da Língua Ferina: Uma Mariana, Outra Herondina... A Outra é Toya Jarina...”. São as três irmãs encantadas nos lençóis.



Fonte: Da direita para esquerda na foto - Caboclas: Jarina , Herondina e Mariana. Março/2022. Publicação Autorizada à Alanna Souto Cardoso Tupinambá.

A questão da nossa “africanidade”... Não existe brasileiro e não existe ser humano no nosso entendimento que não veio da África. A África é o berço da humanidade e isso para nós é muito forte. O berço dos saberes é a Umbanda, mesmo sendo uma religião. Religiosidade. Religião é pra constar nas leis, mas pra nós é religiosidade, porque religião é uma palavra “cristã” que se desligou... quem se desligou do seu deus e teve que se religar. Então, são os cristãos, os antigos que se desligaram, e tiveram que fazer um retorno para os seus deuses. Os nossos deuses não. Nós não tivemos uma desligação. Até porque, como eu digo, eles estão dentro de nós! Então, nós não temos uma religião e sim uma religiosidade. A nossa religiosidade é a Umbanda. Por mais que a gente diga: “é



genuinamente brasileira, porque nasceu Zélio, como todo mundo sabe a história... e ‘pá pá pá’”, nós cultuamos Orixá e os Orixás vieram de África. Então, nós não temos na Umbanda essa coisa de purismo, sabe? É só caboclo, é só isso. Não. Nós cultuamos Orixás. Embora em alguns casos eles não se manifestem no terreiro de Umbanda, não se manifestem corporeamente, mas a gente sente. A gente sabe que Orixá está aqui. Senão nós não cantávamos pra Oxalá, nós não cantávamos pra Oyá, nós não cantávamos pra Xangô. E nós cantamos pra ele, porque a gente sabe que eles também fazem essa ida e vinda nas águas, né? Bebe de várias fontes. Por isso, a gente cultua de uma forma não só simbólica, mas de uma forma mesmo de agradecimento. Pela vinda dos Orixás ao Brasil e eles foram trazidos de África por pelos nossos ancestrais.

Quando nosso povo foi arrancado de África para cá, eles trouxeram já esses saberes. Já veio dentro deles! Com alguns vieram escondidas algumas rezas, algumas coisas, uma folha, uma semente, porque um bom lutador sempre anda com a semente dele escondida, ele não sabe o amanhã! Essas coisas foram trazidas muito secretamente. Esses saberes, mesmo com toda a separação na diáspora, mesmo com toda a dor e sofrimento, os saberes ficaram guardados e é um trabalho nosso de preservar. E como é que nós podemos preservar esses saberes? Mantendo essa troca de diálogo oral diário. Eu vou na fonte desses saberes, aprendo com meu pai para poder trazer para os meus filhos. A gente não é misturado, mas nós conseguimos fazer uma divisão que junta à Umbanda a uma parte do Candomblé. Nós somos de Ketu, das águas de Ketu! E, no candomblé, a gente consegue enxergar as coisas dessa forma, e para nós é muito importante, porque os nossos saberes se expandem. Você conseguir trabalhar com o Caboclo de Pena, na pena e maracá, com o Preto Velho praticando a caridade e você conseguir, do outro lado, enxergar o Orixá de uma forma que você vai aprender lá do fundo essa ancestralidade... isso é a manutenção da ancestralidade.

Isso pra nós é uma expansão de saberes e pra isso nós precisamos resguardar os saberes da forma como a dona Mariana diz: “eu preciso de uma filha de santo, um filho de santo que escreve”, que é pra escrevinhar, pra escrever, pra contar as histórias dos caboclos, pra perpetuar esses saberes! Porque quando você vai na biblioteca, não vai ter um saber da Dona Mariana, não vai ter um saber do Zé Raimundo, não tem nada escrito que diga de verdade a origem, a forma de trabalhar, os trejeitos, o porquê chamar Dona Mariana de Dona “Esculana”, porque se ela for falar incorporada ela vai se chamar dona “Esculana”. As pessoas que não sabem vão achar que está falando da parte íntima do reto. Mas não. Cu Lailai de Saber! Essas coisas não estão no livro, não vão estar. Quem precisa colocar isso no livro? Nós! E vamos ter que chegar nesse momento de colocar esses saberes escrevinhados, como ela diz: “Minha filha, escreve isso porque isso é ensinamento pra mais tarde. Daqui um tempo nós não vamos mais estar aqui.”. Eu me lembro que meu avô cantava pra muitos caboclos que hoje não vêm mais na terra, não incorporaram mais em lugar nenhum. Quantas energias, quantos saberes foram se perdendo ao longo do tempo? Porque, como nós sabemos, são saberes trocados. Se você fizer sua passagem e não ensinar, se não tiver quem aprenda, se não tiver criança, se não tiver quem se sente no chão pra aprender os saberes que existem dentro de mim, que existem dentro do meu pai, assim como existiam dentro de minha mãe Menininha, eles vão se apagar... Então, nós guardamos os saberes da nossa Mãe Menininha, porque ela foi passando para os nossos ancestrais!

Ao meu pai Augusto César, que passou por Bábà Katendê, que me ensina, assim como ensina outros filhos. Esse aprendizado de África, ele precisa estar nos livros da história. Quando a gente vai falar da história do Brasil, você só vê a história dos escravizados que apanharam, que eram rebeldes. Olha, eles apanham porque eles eram rebeldes. Como esse homem acabou de dizer outro dia que

a culpa da escravidão foi dos indígenas, porque os indígenas morriam e não queriam trabalhar. E isso não é verdade! Eles e nós vamos sempre lutar, vamos morrer se necessário for, pra não sermos escravizados. Então, esses saberes precisam estar contados da nossa forma, dessa forma do lado de cá de enxergar. Porque foi contado por um branco. Tudo o que aconteceu no Brasil, e que acontece ainda hoje, toda a vinda do nosso povo para o Brasil foi contada de uma forma que nunca ninguém nos perguntou. Foi contado da forma que o branco viu, romantizando a partir dele, porque o outro não queria ser obediente. Porque o preto não tem alma, mas tem. É essa alma que nós cultuamos até hoje. É esse espírito dos negros que os brancos diziam que não tinham alma. São essas almas que nos sustentam. São essas almas que nos ensinam, essas energias dos pretos velhos que hoje nós cultuamos, que nos ensinam. É a gente falando de Preto Velho, dos que vieram da África. São Pretos Velhos, mas nem todo caso são velhos de vida. Porque quando a gente para pra observar: Quem morria? Quem mais lutava? Quem mais lutava? Os jovens. Então, os pretos velhos são Pretos Velhos pelo tempo espiritual que eles têm. Na verdade, alguns nem chegaram a ter 18 anos. 20 anos. Alguns são jovens e se apresentam daquela forma pela trajetória espiritual que eles têm.

7. O Matriarcado Sagrado, a Mulher e a Sexualidade

Essa questão do matriarcado, é a tradição que nós carregamos. Os povos tradicionais de matrizes africana estão muito ligadas ao feminino, a mulher. Vamos dizer assim... A matriarca, a matriarcacidade. Nós somos. Estamos muito à frente dos terreiros. Estamos na periferia, como eu disse, mas estamos à frente em todos os lugares, até do Brasil. A maioria dos terreiros no Pará, tem uma cartografia que fala, né?, são mulheres que estão à frente, que são dirigentes. Essa questão do ser feminino, o que gera, o que cuida, o que provê, o que traz o saber, o que alimenta. Às vezes a gente tenta falar um pouco a questão de gênero feminino, o gênero masculino, mas eu digo muito assim: “as energias, elas não têm sexo.”. Então, a gente já parte desse pensamento, mesmo sendo mulheres à frente de terreiro. A gente tenta olhar por um lado assim: “onde está o sexo da árvore? Onde está o sexo do vento?”. Eu sou filha do vento e eu vou saber que o vento não tem sexo.

Foto 9 - Mãe Juci D`Oيá- Festividade Cabocla Mariana. Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina/ Ilha de Cotijuba, Praia Funda.



Fonte: Publicação Autorizada à Alanna Souto Cardoso Tupinambá. Março, 2022.



O vento é o vento. Foi um ser humano que disse. O vento é mulher, o vento é homem, a árvore é mulher. Não, mas essa árvore dá fruto. Então ela é mulher. Eu acho que é um pensamento pequeno e que nós precisamos nos aprofundar e aprimorar isso. Quando a gente fala de ancestralidade, de busca pelo conhecimento do ser, do EU. Quem sou eu? Quem é a mãe Juci? Quem é mãe, Jucilene? Por muito tempo eu não sabia quem eu era. Eu me entendi quem eu sou quando eu comecei a caminhar na Umbanda. Porque antes de eu ser de terreiro, eu era o que a minha família queria que eu fosse. Eu era o que as pessoas diziam que eu tinha que ser. Eu era uma mulher casada com um homem e mãe de três filhos. Eu não era feliz, porque eu não conseguia ser aquilo que estava dentro de mim. Então eu era o que a minha mãe disse que eu tinha que ser: uma mulher. Eu, na verdade, eu sou mulher, mas eu sou uma mulher que tem um enxergar diferente. Eu sou uma Mãe de Santo. Eu sou Sapatão. Eu sou casada com uma mulher. Todo mundo sabe disso! E eu faço questão de falar que isso não me faz mais nem menos. Embora algumas pessoas não aceitem e não gostem. Algumas mães de santo dizem... eu ouvi falar: “Mas não diga que a senhora é sapatão!”. Mas eu vou dizer sempre. E que fique registrado para sempre: Eu sou uma Mãe de Santo sapatão!

Eu não quero chegar a 90 anos da minha vida pra poder assumir que eu sempre gostei de mulher. Eu tenho um exemplo... todos nós temos o exemplo da mãe Estela de Oxóssi. Quanto essa senhora sofreu? E a gente imagina só o sofrimento por conta desse mundo heteronormativo que nós vivemos. O padre tem que ser homem, o pastor tem que ser homem. Tanto que não existe mulher padre. Existe as freiras. No terreiro de candomblé e de Umbanda, não existe a Mãe de Santo ou Pai de Santo dependendo do que você nasceu para ser. Mas tem essa determinação... Os homens, os gays Pai de Santo homossexual é mais fácil você encontrar. Mas quando uma mulher diz que ela é lésbica, como dizem... ou sapatão, como eu falo que eu sou, é um choque! É igual mesmo. Você fala toda hora: “caralho!”, mas tu não podes dizer: “xiri!” porque está infringindo uma lei. Então você não ser natural, não pode ser sapatão, não pode gostar de mulher, tem que gostar de homem. Mulher gosta de homem. Homem gosta de mulher. Mas quando passa por campo masculino, aí pode. O Pai de Santo pode ser gay assumido, casar os filhos de santo e não tem problema nenhum. Mas quando é mulher, não pode. Tanto que a gente não vê Mãe de Santo se assumindo com a sua esposa. Nós vemos o quê? Mães de Santo solitárias. A maioria de nós abre mão. Vamos ser mulheres solitárias que não conseguem caminhar ao lado da sua companheira ou nem imaginar ter uma companheira.

Como diz eu: “faz roça escondido, porque não pode expressar a sua felicidade, o desejo do seu corpo.”. Isso é muito forte, muito latente dentro de nós. Mas a gente enxerga assim também por conta do nosso mundo machista, patriarcal. Como que uma mulher que cuida das cabeças dos outros, que foi escolhida, que tem que ter uma postura, vai casar com outra mulher? Isso ainda é muito forte. Eu sempre falo: “eu espero que as minhas irmãs, mães de santo, um dia consigam enxergar essa liberdade enquanto é vida, enquanto é tempo para que nós vejamos felizes!”. Nós fomos escolhidas para cuidar de Oxixá, cuidar de caboclo, mas nós temos um corpo e esse corpo responde pra nós. A gente precisa alinhar todos os pontos da nossa vida. O primeiro espírito que falou isso na cabeça da minha Mãe de Santo não sonhava que eu gostava de mulher, mas a Dona Herondina falou assim: “A partir de hoje não existe mais “perna de calça” na sua vida.”. E aí foi verdade. Realmente nunca mais eu consegui enxergar “perna de calça” na minha vida. Foi um alerta! “Cadê você? Chega! Vá, vá ser feliz!”. É quando uma energia, um caboclo consegue ver dentro de você o que você é e o que você sente. É muito maravilhoso isso!

A dona Mariana fala assim: “olha, fulano é trocado, a fulana é trocado, o fulano é trocado”. Quer dizer respeite. Quando você chegar na nossa casa, observe e observe para poder se dirigir. Eu tenho dois filhos de santo trans e é uma um aprendizado muito grande para mim, porque eu quero aprender a como lidar. Eu quero que as pessoas respeitem meus filhos, porque é essa forma que o Orixá enxerga eles. Então, se o Orixá aqui é tão sagrado, se o caboclo que é tão sagrado enxerga meu filho dessa forma, é assim que eu quero que as pessoas aprendam a enxergar a nos enxergar. Eu acho que é um papel nosso de terreiro, Mãe de Santo, Pai de Santo e gente de Axé. Eu acho que nós precisamos começar a enxergar e trabalhar isso diferente, porque... Quantas pessoas morreram na solidão e morreram oprimidos? Quantas pessoas estão aí sofrendo por não serem aceitas no terreiro? E aí, quando chega no terreiro, o meu filho escutou de alguém que naquela casa não aceitava um “galo de perna quebrada”. Eu acho que isso é falta de conhecimento mesmo, falta de amor. Como é que eu não vou abrir o meu coração e o meu terreiro para receber um ser humano? Nós precisamos olhar as pessoas, deixar um pouco o “homem, mulher” e começar a olhar o ser humano. Sabe aquela energia que o Orixá trouxe para o mundo? Quando a gente começar a enxergar isso, nós vamos ter um pouco mais de evolução dentro dos terreiros e não cercear essas energias.

8. Militância e Resistência

Você pode ser do portão para fora, mas aqui dentro não. Você tem que ser assim. Eu não posso dizer para você ser o que você não é. Eu não posso escolher quem você é. O Orixá já lhe escolheu, já lhe trouxe pro mundo dessa forma. É essa luta nossa que nós temos diária na militância de fazer entender. Nós precisamos ter voz. Nós precisamos ter voz nos espaços de luta e de decisão. Eu digo sempre que nós precisamos ter voz e representatividade na Câmara dos Vereadores e nas Assembleias legislativas, porque quando nós tivermos essa voz representativa, nós vamos ter mais direitos e direito à vida, porque as leis não são favoráveis a nós. Nós não temos um Pai de Santo vereador, uma Mãe de Santo deputada. E quando tem são escondidos. Mas eu vou no terreiro, na festa? Não, mas eu lhe defendo. Nós precisamos ter a nossa voz. Eu tive uma experiência de ser candidata. Eu sempre falo para as pessoas de terreiro agora: “Você é candidato, coloca seu nome!” porque pelo menos que a gente ainda não ganhe, nós não estamos preparados para isso, para enxergar o outro como igual e realmente fazer essa parte política ser concretizada. Porque se nós tivermos uma pessoa de terreiro, é uma voz que nos represente. É uma voz de pessoa que se trema, que se arrepie, que sabe que chão de terreiro é sagrado. Isso é um representante legal.

Alguém que diz assim: “Não. Mas eu defendo a causa dos afros religiosos!”, mas ele não se treme e não sabe o que é realmente ser religioso, porque quem sabe o que é ser afro religioso está aqui acordado desde 05h00. Acordar sem saber a hora que vai dormir, se tremer, sem saber o que vai acontecer com você. Isso é ser representante nosso. É essa voz que nós precisamos ter nos espaços de decisão. Nós precisamos ter gente na academia formado pra formar cabeças, formar outras pessoas. Nós precisamos ter psicólogos de axé. Nós precisamos ter escritores de axé. Os espaços de decisão são esses doutores que cuidem, mas que enxerguem. Quando você chega no consultório, o doutor olhe pra você – a doutora, de preferência – e diga: “olhe, meu filho, você volte e vá procurar um terreiro, porque aqui não é o seu lugar de tratamento.”, assim como o caboclo fala aqui: “procure o “capelo branco.”



Que os doutores, nossos filhos, sejam formados para quando uma pessoa chegar doente no consultório, diga: “meu filho, volte e procure a mulher da espada ou o homem Pai de Santo. Vá num terreiro pra tomar um banho, porque não é aqui sua cura. Você vai gastar dinheiro e não vai achar sua cura aqui.”.

Eu espero que o mundo daqui a tão pouco tempo seja diferente. Que nós tenhamos mais mulheres na política e, principalmente, mais mulheres de terreiro. Que nós tenhamos um dia mulheres de axé, mulheres de terreiro na política para poder mudar esse quadro assassino que existe, mudar! Porque, hoje, no Brasil, nós sabemos quem são os nossos algozes. Os nossos algozes andam de Bíblia na mão. Isso é real. O racismo e o racismo religioso há algum tempo era velado. Hoje não é mais. As pessoas matam, assassinam em nome de Deus. É um Deus que nós não conhecemos. Nós, da Umbanda e do Candomblé, não conhecemos esse Deus que manda matar. E eu digo para as pessoas cristãs: “não têm vergonha?” porque Jesus, que é nosso amigo e nós temos uma consideração muito grande por ele, ele é um militante do “cacete”. Um cara que lutou e é muito admirável por tudo o que ele fez no tempo que ele fez. Eu acho que ele deveria ser mais respeitado pelos seus seguidores, porque se ele plantou o amor, se ele morreu, deu a vida dele, o sangue dele, como cordeiro, para um mundo melhor. Tudo o que os cristãos fazem, no meu entendimento, é o contrário do que ele pediu. Porque se eu comprar um cordeiro pro meu Exu, Deus me livre, o meu Exu vai dar o melhor para eu ser o melhor.

Os cristãos usam a palavra de Deus, essa Bíblia. Eu falo: “isso não é a Bíblia, ela é a arma mais letal do mundo nesse mundo de hoje!”. Porque as pessoas a usam pra matar, matar de verdade, matar na lavagem cerebral que é feita. Porque você coloca 20 pessoas aqui, mais 20 ali, mais 20 ali e é um surto de micro-espaços de lavagem cerebral. Então você está matando aquela pessoa no seu entendimento, no seu enxergar, no seu amor, plantando um falso amor naquele coração. Um amor que diz: “olha, você é melhor, você tem que matar aquele vizinho que ele não é da nossa religião!”. Isso não é o amor, é uma ideologia de “falsismo”, porque não foi isso que Jesus plantou. Nós não somos demônios, eu digo e nós dizemos no nosso axé: “não existe Satanás.”, Satanás é o inimigo do Deus cristão. Deus criou o mundo e aí criou um anjo. Esse anjo se revoltou e pá... papai começou uma guerra infernal. Então, o demônio que os cristãos pregam, principalmente os neopentecostais, pra ficar bem específico esse demônio que é o anticristo, ele não nos pertence. Nós não o conhecemos. Nós não cultuamos o demônio. Nós nem dizemos essa palavra. E quando a gente chama é menino, o seu diabo vem aqui é só pra fazer um elogio que o menino é demais. Mas não que o diabo exista para nós. Ele é um espírito criado para os cristãos. Nós não temos nada a ver.

No dia de Exu, nós estamos alimentando uma divindade que são os nossos Exus. Mas aí nós somos realmente demonizados. E a gente precisa dizer isso. O demônio é uma criação da cabeça do homem pra dominar o outro através do medo. Olha, a mãe fala: “olha, menino, tu não podes pecar. Tu não podes fazer isso que o cão... tu vais pro inferno!”. O inferno, ao ver cristão, é o lugar cheio de fogo e que queima. Que só vão para lá os que não prestam. Então claro que dá medo. O entendimento que nós temos é que o demônio foi criado justamente para um deter o poder sobre o outro através do medo. É o que acontece até hoje. Mata aquele, porque ele está fazendo coisas que não prestam. Eu espero que a gente consiga mudar esse quadro, fazer esse trabalho que a gente faz, de mostrar para a sociedade quem somos nós e a forma que nós trabalhamos, que é essa de levar a paz, o amor e a caridade para aqueles que precisam. Axé! Saravá!

Foto 10 - Registro da entrevista



Fonte: CARVALHO, Jucilene (Mãe Juci d'Oiá). *Práticas espaciais de ensino de tradição e narrativas orais do Terreiro de Umbanda Casa de Mãe Herondina*. Ilha de Cotijuba – Praia Funda. Entrevista concedida à Alanna Souto Cardoso Tupinambá, Selma de Souza Brito e Leila Leite, em 2 dez. 2019, Icoaraci.